



Vínculos de Negócios Sustentáveis em Resíduos Sólidos

INSTITUTO
ETHOS

AVINASM

Vínculos de Negócios Sustentáveis em Resíduos Sólidos é um catálogo produzido em formato digital pelo Instituto Ethos no âmbito do Programa Vínculos de Negócios Sustentáveis em Resíduos Sólidos.

Realização

Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social
Rua Dr. Fernandes Coelho, 85, 10º andar
Pinheiros — 05423-040 — São Paulo, SP, Brasil
Tel.: (11) 3897-2400 / Fax: (11) 3897-2424
Site: www.ethos.org.br

Apoio Institucional

Avina

Redação

Opera Consultoria e Assessoria em Desenvolvimento – Jacques Demajorovic e Gina Rizpah Besen

Coordenação

John Butcher

Colaboradores do Instituto Ethos

Benjamin S. Gonçalves (edição), Caio Magri e Paulo Itacarambi (direção editorial)

Colaborador da Avina

Oscar Fergutz

Revisão

Márcia Melo

Projeto e Produção Gráfica

Waldemar Zaidler (Planeta Terra Design)

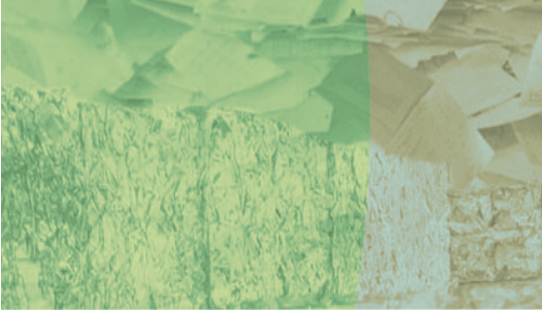
São Paulo, novembro de 2007

É permitida a reprodução deste catálogo, desde que citada a fonte e com autorização prévia do Instituto Ethos.

Esclarecimentos importantes sobre as atividades do Instituto Ethos:

1. O trabalho de orientação às empresas é voluntário, sem nenhuma cobrança ou remuneração.
2. Não fazemos consultoria e não credenciamos nem autorizamos profissionais a oferecer qualquer tipo de serviço em nosso nome.
3. Não somos entidade certificadora de responsabilidade social nem fornecemos “selo” com essa função.
4. Não permitimos que nenhuma entidade ou empresa (associada ou não) utilize a logomarca do Instituto Ethos sem nosso consentimento prévio e expressa autorização por escrito.

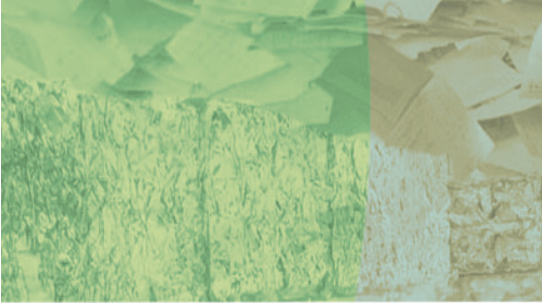
Para esclarecer dúvidas ou nos consultar sobre as atividades do Instituto Ethos, contate-nos, por favor, pelo serviço “Fale Conosco”, do site www.ethos.org.br.



VÍNCULOS DE NEGÓCIOS SUSTENTÁVEIS EM RESÍDUOS SÓLIDOS

ÍNDICE

Apresentação	4
Introdução	5
Resíduos sólidos e Responsabilidade Social Empresarial	6
Programa Vínculos de Negócios Sustentáveis em Resíduos Sólidos	7
Programa Vínculos Sólidos — Gestão de Resíduos Sólidos Recicláveis com Inclusão Social	9
Panorama da gestão dos resíduos sólidos no Brasil	11
Mercado de reciclagem	12
Cadeia produtiva tradicional da reciclagem	14
Organizações de catadores e gestão sustentável dos resíduos sólidos	15
Um novo paradigma para a cadeia produtiva da reciclagem	17
Vínculos de Negócios Sustentáveis: desafios para empresas e organizações de catadores	23
Crerios norteadores da criação de vínculos entre empresas e cooperativas	24
Referências bibliográficas	27
Sites de Interesse	28
Glossário	29
Figuras	
Figura 1— Composição do lixo no Brasil	12
Figura 2— Estrutura do mercado de sucatas no Brasil	14
Figura 3— Estrutura da cadeia produtiva da reciclagem baseada em negócios sustentáveis	17
Figura 4— Benefícios dos negócios sustentáveis em resíduos sólidos	18
Tabela 1	
Evolução dos índices de reciclagem no Brasil e o percentual de crescimento, de 1999 a 2006.	13
Quadro 1	
Crerios básicos para avaliação do potencial das cooperativas em estabelecer Vínculos de Negócios Sustentáveis em Resíduos Sólidos com empresas.	25



VÍNCULOS DE NEGÓCIOS SUSTENTÁVEIS EM RESÍDUOS SÓLIDOS

APRESENTAÇÃO

A incorporação de práticas de Responsabilidade Social Empresarial pelo setor privado ao longo dos últimos anos, associada ao fortalecimento da sociedade civil organizada, permite avançar em direção ao desenvolvimento local sustentável. Essas práticas estimulam a adoção de modelos de produção, comercialização e consumo que favorecem a solidariedade, a reciprocidade, a inclusão social, a sustentabilidade ambiental, o comércio justo e o empreendedorismo.

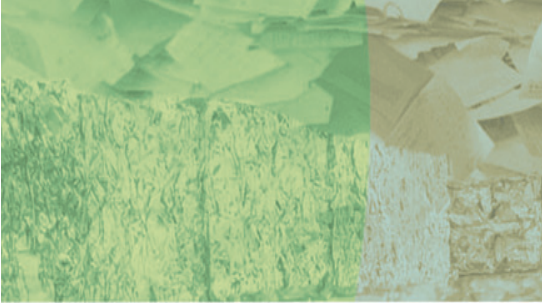
O Instituto Ethos, em parceria com organizações da sociedade civil, agências de cooperação internacional e diversas empresas, desenvolve dois projetos que fomentam a construção e o fortalecimento de vínculos de negócios sustentáveis entre empresas compradoras e fornecedoras, baseados em um comércio mais justo e ambientalmente mais adequado.

Desde 2005, o Projeto Vínculos, uma iniciativa em parceria com a Fundação Dom Cabral, a Agência Alemã de Cooperação Técnica (GTZ), a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) e mais recentemente o Sebrae, vem sendo implementado e já apresenta resultados importantes. Tem por objetivo aprofundar vínculos de negócios sustentáveis entre empresas multinacionais e pequenas empresas, cooperativas e empreendimentos solidários que atuam nas Regiões Norte e Nordeste. O projeto promove o desenvolvimento econômico e social, a redução da pobreza, o aumento da competitividade de empresas locais e a geração de trabalho, emprego e renda.

Em 2006, em parceria com a Fundação Avina, o Instituto Ethos lançou o Programa Vínculos de Negócios Sustentáveis em Resíduos Sólidos – Parcerias em Gestão Ambiental com Inclusão Social (Vínculos Sólidos), que visa responder a dois grandes desafios da sociedade contemporânea. De um lado, sensibilizar e mobilizar os empresários brasileiros para expandir as práticas de coleta seletiva e reciclagem de resíduos sólidos. De outro, estimular o setor empresarial a contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento do trabalho realizado pelas organizações de catadores que atuam no país, a partir do estabelecimento de vínculos de negócios sustentáveis.

Em 2007, com o aperfeiçoamento dos trabalhos desenvolvidos ao longo do ano anterior, o programa evoluiu e expandiu seu conteúdo. Agora denominado Vínculos Sólidos – Gestão de Resíduos com Inclusão Social, propõe a composição de um Grupo de Trabalho com empresas associadas.

Esta publicação visa contribuir para aproximar as organizações empresariais das cooperativas de catadores e ampliar o conhecimento mútuo de forma que a coleta seletiva e a reciclagem de resíduos sólidos se tornem um instrumento efetivo de geração de renda, inclusão social e redução dos impactos sobre o meio ambiente.



VÍNCULOS DE NEGÓCIOS SUSTENTÁVEIS EM RESÍDUOS SÓLIDOS

INTRODUÇÃO

O gerenciamento dos resíduos sólidos ocupa um espaço relevante nas práticas de Responsabilidade Social Empresarial — RSE. Novas tecnologias criam alternativas para a implantação de estratégias de ecoeficiência (veja o Glossário) que podem reduzir a geração de resíduos sólidos no setor industrial e no de serviços, além de minimizar seus impactos socioambientais.

Ao mesmo tempo, a expansão do mercado de reciclagem abre possibilidades para que as empresas implantem programas de coleta seletiva. Também se amplia a consciência da sociedade sobre os impactos dos padrões atuais de produção e consumo sobre o futuro do planeta. Porém, mesmo neste cenário favorável, os resíduos sólidos gerados pela sociedade contemporânea ainda constituem uma ameaça ao desenvolvimento sustentável, que busca conciliar proteção ambiental com justiça social e eficiência econômica.

A produção de resíduos sólidos nos países desenvolvidos e em desenvolvimento continua a se expandir em ritmo acelerado. No Brasil, a taxa de crescimento da produção de resíduos sólidos aumenta em proporções maiores que a taxa populacional, enquanto a disposição de grande parte desses resíduos se dá de forma inadequada. Esse panorama exige da sociedade e de suas organizações o desenvolvimento de relações mais responsáveis na produção e no gerenciamento de seus resíduos sólidos.

No entanto, o país vem se destacando no cenário mundial com expressivos índices de reciclagem. Esse sucesso se deve à estrutura da cadeia produtiva de reciclagem no Brasil. Na base desse sistema encontram-se milhares de catadores de materiais recicláveis que realizam a coleta seletiva nas ruas das cidades e em lixões, e fornecem a matéria-prima para a indústria. Trabalham na informalidade, sem reconhecimento da sociedade e do poder público e em condições precárias.

O Instituto Ethos reconhece a importância crescente do setor econômico da reciclagem, assim como o papel fundamental das empresas na gestão de resíduos, com inclusão dos catadores na consolidação desse mercado. As empresas, a partir das práticas de RSE, têm a oportunidade de contribuir com a ampliação de um mercado de reciclagem baseado numa cadeia produtiva mais justa. Na atividade de reciclagem encontra-se um número ainda reduzido, mas crescente, de catadores organizados em cooperativas ou associações que promovem a requalificação e valorização de seu trabalho, proporcionando condições mais dignas para a categoria.

A construção de novos vínculos de negócios entre empresas geradoras de resíduos sólidos e empreendimentos solidários pode se transformar em uma estratégia efetiva de combate à desigualdade e à pobreza, contribuindo com a geração de postos de trabalho de qualidade e com a proteção ambiental.

RESÍDUOS SÓLIDOS E A RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL



s resíduos sólidos gerados nos processos de produção e consumo devem ser gerenciados a partir de uma perspectiva sistêmica, centrada na minimização dos impactos ambientais, na melhoria de eficiência dos processos produtivos e na incorporação de diversos atores da cadeia produtiva, de forma a estimular a inclusão social e a geração de renda.

Alcançar esses objetivos não constitui tarefa simples — demanda um esforço coordenado dos principais atores envolvidos, os setores privado, público e não-governamental. Para o Instituto Ethos, a responsabilidade sobre a geração dos resíduos sólidos deve ser compartilhada entre governo, produtores e consumidores, enquanto os custos da gestão devem ser divididos entre produtores e consumidores. Milhares de postos de trabalho poderão ser criados com a formulação de uma política nacional de resíduos sólidos que favoreça a coleta seletiva e a reciclagem com inclusão social. No entanto, até o final de 2007, o Projeto de Lei 203 de 1991, que dispõe sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos, em tramitação no Congresso Nacional, ainda não obteve um consenso dos vários atores envolvidos para sua aprovação.

Ao poder público cabe, em conjunto com a sociedade organizada, cumprir seu papel na formulação de políticas públicas que avancem na direção de estabelecer um marco regulatório para os resíduos sólidos que contemple a recuperação integral, o reaproveitamento e reciclagem dos resíduos e a promoção de condições dignas de trabalho para os catadores.

No caso das empresas, de acordo com os princípios da RSE, é necessário implementar a política dos 3Rs, que inclui a redução, reutilização e reciclagem dos resíduos gerados nos processos de produção e consumo. Para alcançar esse objetivo, as empresas podem utilizar estratégias de Produção mais Limpa (P+L), ampliar o uso de matérias-primas recicladas em seus sistemas produtivos, consumir produtos reciclados e implantar programas de separação de resíduos nas organizações empresariais.

As empresas podem adotar a coleta seletiva e direcionar ampla gama de materiais para a reciclagem. Algumas cooperativas de catadores de materiais recicláveis chegam a tirar entre 30 e 70 diferentes tipos de materiais para comercialização.

Materiais recicláveis que podem ser doados às cooperativas	
Papel	de escritório (branco), de arquivos, formulários contínuos, revistas, jornais, papelão, papel misto, envelopes, cartolinas, cartazes, papelão misto.
Plástico	garrafas PET de refrigerantes, garrafas PET de óleo, brinquedos plásticos, copos, potes, capas de CD, garrafas, chinelos, embalagens de produtos de limpeza, sacos, pallets, canos, tubos, mangueiras, pias, cartazes.
Metal/alumínio	latas, marmitex limpo, chapas de alumínio, painéis.
Aço	latas, arquivos, barras, sucatas, chapas, arame, pregos, inox.
Cobre	fios, peças e cabos.
Vidro	garrafas de todos os tipos e todas as cores, garrafões, potes, copos, cacos, embalagens de perfume.
Outros	embalagens longa vida, chapas de raio X, sacos de rafia, cartuchos de impressão, baterias automotivas, óleo comestível, pallets de madeira, caixotes, bandejas e embalagens de isopor, embalagens de equipamentos eletroeletrônicos.

Também podem promover estratégias para assegurar a logística reversa das suas embalagens, valorizar o ecodesign (veja o *Glossário*) aumentar a durabilidade dos produtos e oferecer informação ao cliente sobre o valor ambiental e social dos produtos reciclados.

Em consequência, com a doação de seus resíduos recicláveis às cooperativas de catadores e a ampliação da compra de matérias-primas e produtos reciclados, as empresas têm a possibilidade de estimular o crescimento dessa atividade, promovendo inclusão social, geração de renda e expansão de postos de trabalho com qualidade.

PROGRAMA VÍNCULOS DE NEGÓCIOS SUSTENTÁVEIS EM RESÍDUOS SÓLIDOS

Descrição do programa

O Instituto Ethos e a Fundação Avina consideram que a cadeia produtiva da reciclagem no Brasil é socialmente injusta com os catadores de materiais recicláveis. Apesar de o mercado de reciclagem se beneficiar enormemente com o trabalho desempenhado pelos catadores, uma parcela reduzida do montante gerado na atividade beneficia esses trabalhadores. A maior parte da renda auferida na cadeia de reciclagem se concentra nos intermediários, que têm condições de comprar, beneficiar e transportar os materiais para as empresas recicladoras, na ponta da cadeia produtiva. Para o Instituto Ethos e a Fundação Avina, o reconhecimento e a valorização do trabalho dos catadores podem maximizar os benefícios socioambientais da reciclagem e a expansão dessa atividade no país.

As empresas têm um papel primordial nesse processo. A partir da implementação de projetos de RSE, podem contribuir com a reestruturação da cadeia da reciclagem, promover novas relações com seus fornecedores e uma melhor distribuição dos lucros em favor dos menos favorecidos do setor, que são os catadores. Também podem estimular e fortalecer a organização dos catadores em cooperativas que ofereçam maiores benefícios e melhores condições de trabalho e renda.

As organizações de catadores, por sua vez, devem se capacitar para a prestação de serviços de qualidade para as empresas. Isso implica aprimorar a gestão organizacional, melhorar suas instalações e a segurança no trabalho, ampliar os benefícios aos seus membros, fortalecer as redes de comercialização e, principalmente, promover a inclusão social de catadores avulsos.

O Programa Vínculos Sustentáveis em Resíduos Sólidos, iniciado em julho de 2006 e com término previsto para dezembro de 2007, foi concebido como um programa-piloto para favorecer o diálogo entre empresas e cooperativas e viabilizar esses vínculos, assim como favorecer a construção de um consenso para a formulação de políticas de gestão de resíduos sólidos que estabeleçam responsabilidades entre todos os agentes envolvidos.

Os objetivos

O principal objetivo do programa é a promoção de vínculos de negócios, entre empresas e empreendimentos solidários, na cadeia da indústria de reciclagem, que sejam ambientalmente adequados, socialmente inclusivos e economicamente viáveis, facilitando a transformação das cooperativas de catadores em cooperativas de reciclagem.

O programa visa também:

- Promover, por meio das empresas, a discussão e o conhecimento mútuo entre elas e as cooperativas;
- Contribuir para a construção de uma visão de co-responsabilidade sobre a gestão de resíduos sólidos;
- Promover nas empresas o aumento do consumo de matéria-prima proveniente da reciclagem;
- Promover nas empresas o consumo de produtos feitos com material reciclado;
- Promover o aumento do volume de resíduos sólidos reciclados ou processados pelos empreendimentos solidários;
- Promover o aumento da oferta de trabalho decente e de renda;
- Contribuir com as discussões para a elaboração da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS);
- Promover os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio relativos à erradicação da pobreza e da fome (ODM 1); à garantia de sustentabilidade ambiental (ODM 7) e a promoção de uma parceria mundial para o desenvolvimento (ODM 8).

Estratégias metodológicas

Para articular a construção de vínculos de negócios sustentáveis entre empresas e cooperativas, o programa propõe as seguintes estratégias:

- Identificar casos de vínculos potenciais e em desenvolvimento;
- Promover a troca de informações entre os potenciais parceiros do projeto;
- Formalizar vínculos de negócios;
- Elaborar material de informação e capacitação de empresas e de empreendimentos solidários, abordando questões sobre meio ambiente, produção de resíduos, oportunidades e obrigações;
- Promover oficinas de capacitação para empresas e empreendimentos solidários;
- Participar das discussões da Política Nacional de Resíduos Sólidos.

PROGRAMA VÍNCULOS SÓLIDOS — GESTÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS RECICLÁVEIS COM INCLUSÃO SOCIAL

O Programa Vínculos Sólidos resulta do aprimoramento dos trabalhos do Instituto Ethos sobre o tema ao longo de 2006.

Proposta do programa

Constituir um grupo de trabalho empresarial (GT) para a elaboração de modelos de negócio e de gestão em resíduos sólidos com inclusão social. O GT apoiará a participação do Instituto Ethos e do UniEthos no processo de facilitação da construção e do fortalecimento de Vínculos de Negócios Sustentáveis com inclusão social na cadeia da reciclagem.

Objetivo geral

O objetivo do projeto é promover a construção de modelos de negócio e de gestão que fomentem o desenvolvimento da cadeia de reciclagem com a inclusão social dos catadores e a redução da produção de resíduos e de seus impactos sobre o meio ambiente.

Objetivos específicos

- Promover a construção de modelos de negócio decorrentes da doação de resíduos sólidos recicláveis por grandes produtores, em troca dos serviços de coleta prestados por cooperativas – denominados **Vínculos Sólidos Produtores**. No Estado de São Paulo, esses modelos de vínculos podem se beneficiar da Lei Estadual nº. 12.528, de 2 de janeiro de 2007, que obriga a implantação de coleta seletiva de lixo em empresas de grande porte, em shopping centers, em condomínios industriais com no mínimo 50 estabelecimentos, em condomínios residenciais com no mínimo 50 habitações e em repartições públicas.

- Promover a construção de modelos de comercialização de resíduos sólidos recicláveis, processados ou não, entre empresas (compradores) e cooperativas (fornecedores) – denominados **Vínculos Sólidos Consumidores**.
- Promover a melhoria da gestão de resíduos, com ênfase na redução de sua produção e de seus impactos sobre o meio ambiente.
- Promover a inclusão dos princípios de gestão de resíduos e de vínculos de negócios sustentáveis nas políticas públicas e fortalecer os mecanismos de valorização das boas práticas das empresas. O programa promoverá a discussão e o conhecimento mútuo entre empresas e cooperativas de reciclagem e auxiliará na construção de uma visão compartilhada de co-responsabilidade sobre as políticas de gestão de resíduos sólidos.

O GT Vínculos Sólidos (GTVS) – Caracterização do Grupo de Trabalho

O GT será composto pelo Instituto Ethos, por empresas-âncora patrocinadoras e organizações que darão apoio ao projeto e estão trabalhando em conjunto para a construção dos modelos de negócio para os vínculos propostos a seguir.

Por questões de organização do trabalho, o GT será subdividido por tipo de vínculo potencial entre empresas e cooperativas. Deverá ser integrado por empresas de diferentes setores, para contemplar os diversos tipos de resíduos produzidos e comercializados. Os vínculos propostos, de acordo com o ponto de vista das empresas, são:

- **Vínculos Sólidos Produtores** – entre empresas produtoras de resíduos e cooperativas prestadoras do serviço de coleta.
- **Vínculos Sólidos Consumidores** – entre cooperativas de fornecedores de material para reciclagem e empresas consumidoras/compradoras de recicláveis ou matérias-primas provenientes de recicláveis, ou consumidoras que utilizam produtos acabados feitos a partir de resíduos recicláveis.

Por sua metodologia de trabalho e objetivos, o GT se relacionará – diretamente ou por meio do Instituto Ethos – com cooperativas e associações de catadores e suas redes, com associações e organizações não-governamentais socioambientais, com organizações de representação do setor, com órgãos públicos e, potencialmente, com outras empresas e movimentos relacionados, como o Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis (MNCR). Também poderá se relacionar com outras organizações que o GT entenda relevantes para a construção dos vínculos e a conquista dos objetivos dessa proposta. Tem-se a expectativa de que as empresas-âncora liderem em seus setores de atuação o desenvolvimento e o processo de construção de vínculos de negócios sustentáveis em resíduos sólidos com inclusão social.

As empresas que aderirem ao GTVS terão a oportunidade de participar de um grupo de companhias que produzirá modelos de negócios que contribuirão de maneira responsável para a promoção social (viabilizando a melhoria das cooperativas e da renda dos catadores) e para a redução dos impactos ambientais decorrentes de suas atividades (diminuição do volume dos resíduos que antes eram destinados a aterros ou lixões). Para que esses objetivos sejam

alcançados, cada empresa patrocinadora terá acompanhamento direto do Instituto Ethos e um plano individual de trabalho construído em conjunto com o Instituto.

Financiamento do programa

O trabalho do Instituto Ethos na coordenação e operação do projeto terá o apoio da Fundação Avina e o patrocínio das empresas-âncora.

PANORAMA DA GESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS NO BRASIL

A preocupação mundial com a geração excessiva de resíduos sólidos é crescente. Estudos mostram que em 2006 a produção mundial de resíduos sólidos chegou a 2,02 bilhões de toneladas e a previsão é de que, até 2011, haja um crescimento de 37,3% (Market Research, 2007). No Brasil, estima-se que uma população de cerca de 189 milhões de habitantes produz aproximadamente 167 mil toneladas por dia, o equivalente a 0,9 kg per capita por dia, ou mais de 61 milhões de toneladas anuais (IBGE, 2007, Abrelpe, 2007).

Esse grande volume de resíduos gerados demanda investimentos vultosos para coleta, tratamento e disposição final por parte dos serviços públicos. A população coberta pelos serviços de coleta de lixo no país tem aumentado significativamente ao longo dos últimos anos, chegando a cerca de 85%, mas repete o padrão de desigualdade do país: 94,2% no Sudeste e 80% e 84% nas Regiões Norte e Nordeste, respectivamente (Pnad, 2004).

Os indicadores nacionais apontam uma evolução da disposição final adequada dos resíduos. A última pesquisa nacional realizada pelo IBGE (2000) indicou que 47,1% do lixo coletado era destinado a aterros sanitários, 22,3% a aterros controlados e 30,5% a lixões. A melhoria significativa em relação a 1992, ano de comparação na pesquisa, deve-se ao investimento em aterros sanitários feito pelas 13 maiores cidades, responsáveis por 31,9% de todo o lixo urbano coletado no país. Na disposição final por município, porém, o problema encontra-se longe de estar resolvido, pois 63,6% das cidades brasileiras ainda destinavam seus resíduos a lixões.

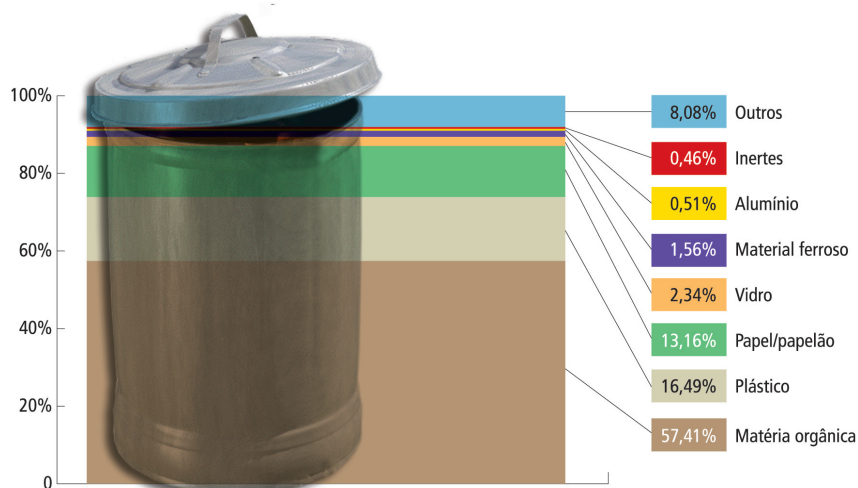
O cenário é agravado pelo número reduzido de programas de coleta seletiva de materiais recicláveis desenvolvidos pelas administrações municipais — apenas 2% do lixo produzido é coletado seletivamente. Somente 6% das residências, em sua maioria nas Regiões Sul e Sudeste, são atendidas por serviço de coleta seletiva, que ocorre em 8,2% dos municípios brasileiros (Indicadores de Desenvolvimento Sustentável, 2004).

No entanto, embora os programas formalizados ainda sejam incipientes, há uma coleta seletiva informal realizada em grande escala, tendo como principais agentes os catadores. Não existe um levantamento preciso sobre quantos catadores existem no país. As estimativas variam de 300 mil, segundo o Movimento Nacional de Catadores, a 800 mil (BNDES, 2006). São esses trabalhadores que estão na base do vigoroso crescimento dos índices de reciclagem pós-consumo no país e garantem a consolidação do mercado de reciclagem.

MERCADO DE RECICLAGEM

O crescimento da indústria de embalagem, cujo faturamento representa hoje 1,53% do PIB, contribuiu para uma mudança significativa da composição dos resíduos sólidos gerados nos país. As principais mudanças incluem a redução da participação do material orgânico e a expansão do plástico.

Figura 1 — Composição do lixo no Brasil



Fonte: Abrelpe. Panorama de Resíduos Sólidos 2006.

A maior presença dos materiais recicláveis nos resíduos sólidos, aliada à maior conscientização da sociedade em relação aos problemas ambientais, favoreceu a evolução do mercado de reciclagem no país. Operam nesse setor 2.361 empresas, concentradas nas Regiões Sudeste (48,5%) e Sul (30,6%). Nas demais regiões, o número se reduz significativamente: Nordeste (12,7%), Centro-Oeste (6,4%) e Norte (1,8%) (Sebrae/Cempre, 2006). A maioria das empresas atua na informalidade e inclui: indústrias recicladoras, depósitos de sucata e organizações de catadores.

Com relação às organizações de catadores, o padrão de desigualdade regional se mantém: de um total de 366 cooperativas ou associações identificadas, 221 se encontram na Região Sul, 97 na Sudeste, 34 na Nordeste, 12 na Centro-Oeste e apenas 2 na Região Norte. A concentração de cooperativas atuando nas Regiões Sul e Sudeste ocorre em função de sua proximidade das empresas de reciclagem. Além disso, os preços de venda dos materiais recicláveis variam conforme a proximidade das indústrias de reciclagem e o tipo de beneficiamento prévio realizado. Os materiais podem ser vendidos limpos e soltos, prensados, ou receber algum tipo de beneficiamento, como a trituração no caso do vidro, ou a retirada de rótulos e tampas ou ainda a granulação, no caso do PET.

As organizações de catadores respondem por 13% da matéria-prima fornecida para as indústrias de reciclagem no Brasil (Cempre/ Sebrae, 2006). Representam, ainda, 2,5% dos 14.954 empreendimentos solidários identificados e movimentam R\$ 4,5 milhões, ou seja, 0,9% dos recursos gerados (Ministério do Trabalho e Emprego, 2006).

No que se refere ao total de empregos gerados na atividade, o setor formal da reciclagem ocupa 182 mil pessoas, destacando-se as empresas de reciclagem de plásticos (52,48%), seguidas pelas de papelão (17,53%), papel (10,89%), metálicas (9,92%), madeira (6,56%) e vidro (2,63%) (Abre, 2006). Por outro lado, não existem ainda dados oficiais sobre a quantidade de postos de trabalho

gerados pelas cooperativas e no mercado informal da reciclagem. No entanto, as estimativas da quantidade de postos de trabalho informais gerados pelo setor superam em muito os números do mercado formal.

O enorme contingente de trabalhadores envolvidos na cadeia produtiva da reciclagem contribuiu para que os índices de reciclagem de vários materiais se equiparassem e até superassem os índices obtidos pelos EUA e por países da União Européia e da América Latina e do Caribe.

Tabela 1 - Evolução dos índices de reciclagem no Brasil e o percentual de crescimento, de 1999 a 2006

Materiais	1999	2006	Evolução
	(%)	(%)	(%)
Papel	16,6	49,5	198
Papelão	71,0	77,4	9
Plásticos	15,0	23	53
PET	21,0	47	124
Latas de alumínio	73,0	96,2	87
Latas de aço	35,0	29	-17
Vidro	40,0	46	13
Pneus	10,0	58	480
Longa vida	10,0	23	130
Compostagem	1,5	3	100

Fonte: Cempre, 2006.

O primeiro dado que chama a atenção na tabela 1 é o crescimento significativo da reciclagem de pneus. Isso se deve à implementação de uma legislação nacional, a Resolução do Conama 258 de 1999, cujas metas para a coleta e reciclagem foram acordadas entre o poder público e o setor privado e proporcionaram um impacto positivo na cadeia de reciclagem de pneus. Também se destaca o baixo índice de compostagem, um indicador de desperdício de alimentos que não condiz com a pobreza existente no país.

No caso dos demais materiais, o expressivo crescimento dos índices de reciclagem tem dois componentes principais. De um lado, o desenvolvimento de alternativas de reaproveitamento desses materiais associado aos processos de inovação tecnológica. Materiais como tetrapack ou plásticos, que até recentemente tinham grande dificuldade de reinserção no mercado, hoje são demandados como matéria-prima para uma variedade de produtos.

De outro lado, há uma combinação de fatores que inclui o valor das matérias-primas, os altos níveis de pobreza e desemprego e a maior conscientização da sociedade brasileira. No entanto, de acordo com a publicação *Indicadores de Desenvolvimento Sustentável – Brasil 2004*, do IBGE, “os altos níveis de reciclagem estão mais associados ao valor das matérias-primas e aos altos níveis de pobreza e desemprego do que à educação e à conscientização ambiental” (p. 288).

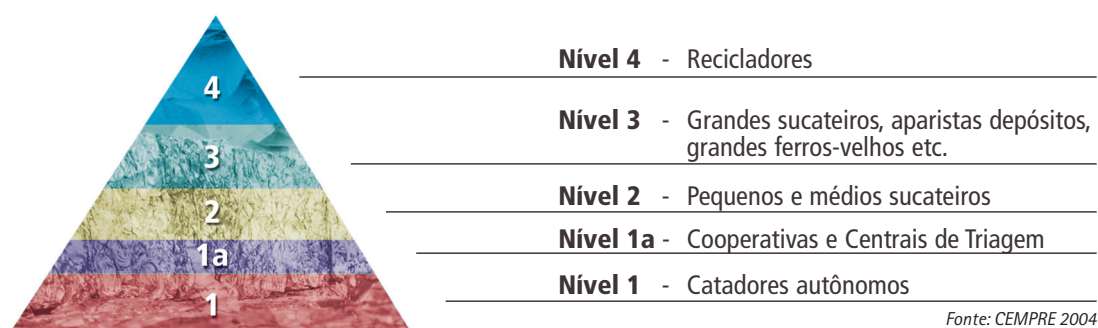
Essas características contribuíram para a formação de uma cadeia produtiva de reciclagem que funciona de modo eficiente no processo da coleta de materiais, mas está fundada na iniquidade das relações entre os diferentes atores envolvidos.

CADEIA PRODUTIVA TRADICIONAL DA RECICLAGEM

Atualmente, a indústria de reciclagem no Brasil é alimentada pelos grandes volumes de matéria-prima resultantes do trabalho precário dos catadores nas ruas, pela coleta seletiva realizada pelos catadores organizados e pelo reaproveitamento dos co-produtos gerados pelas indústrias em seus próprios processos produtivos ou por terceiros.

Na estrutura tradicional da cadeia produtiva da reciclagem coexistem os setores formais e informais da economia. A pirâmide da estrutura do mercado de sucatas no Brasil, apresentada a seguir, mostra a desigualdade nas relações entre os diversos atores envolvidos.

Figura 2 — Estrutura do mercado de sucatas no Brasil



Na base da cadeia (Nível 1), a economia é informal, de sobrevivência e baseada na exploração da mão-de-obra de milhares de catadores, em sua maioria trabalhadores que perderam seu posto de trabalho nas mudanças do sistema produtivo. Eles coletam nas ruas, puxando carrinhos e carroças, e vendem os materiais para sucateiros, por preços muito baixos. Atuam em condições de trabalho e saúde precárias, auferindo a menor parte dos lucros gerados na cadeia.

Já as organizações de catadores (Nível 1a) se encontram no setor formal da economia. Estruturadas em associações e cooperativas, estabelecem parcerias no contexto de programas municipais de coleta seletiva, mas também atuam de forma independente do poder público. Não são remuneradas pelos serviços de coleta e triagem — sua renda é obtida, exclusivamente, com a venda dos materiais recicláveis coletados. Algumas estão se estruturando para realizar, além de coleta, triagem e beneficiamento primário, as atividades de reciclagem. Vendem para intermediários e, em alguns casos, para indústrias recicladoras. Essas organizações estão formando redes de comercialização conjunta visando ampliar a venda direta para a indústria e a supressão de atravessadores.

No Nível 2, convivem dois atores distintos: os pequenos sucateiros ou atravessadores e os intermediários. Os pequenos sucateiros, em geral, trabalham na informalidade e na ilegalidade. Sua atuação é marcada pela exploração dos catadores avulsos, que deles dependem para a comercialização dos materiais coletados. Além disso, coletam diretamente os materiais recicláveis deixados nas calçadas, pelo comércio, por condomínios e empresas. Utilizam veículos precários e mão-de-obra informal, não respeitam condições mínimas de saúde, segurança do trabalho e adequação ambiental dos depósitos.

Os intermediários, em geral, são legalizados e adquirem o material reciclável das organizações de catadores por preços melhores do que os sucateiros. Possuem capacidade de estocagem e de beneficiamento de alguns tipos de materiais e agregam valor à cadeia produtiva da reciclagem.

Os trabalhadores são cooperados ou registrados e as condições de trabalho adequadas em termos ambientais e de segurança do trabalho.

No Nível 3 estão os grandes sucateiros, aparistas, depósitos e os grandes ferros-velhos. Integram, em sua maioria, a economia formal e adquirem a sucata, em grandes volumes, de intermediários e sucateiros. São eles que comercializam diretamente com as indústrias e vêm ampliando gradativamente a compra de materiais coletados pelas cooperativas de catadores.

No topo da cadeia (Nível 4), encontram-se as grandes indústrias de reciclagem, que, em sua maioria, integram a economia formal. Em geral, incorporaram o discurso do desenvolvimento sustentável e realizam práticas de RSE. Apóiam as organizações de catadores e estabelecem parcerias que possibilitam o aumento da quantidade de material reciclável coletado e sua aquisição por preços melhores que os de mercado.

A reestruturação dessa cadeia, de modo que possa beneficiar também os trabalhadores que estão em sua base, depende da valorização do trabalho destes por meio do fortalecimento e expansão das organizações de catadores. As empresas têm um papel fundamental nesse processo. Devido a seu enorme potencial em fornecer diretamente matéria-prima às organizações de catadores e adquirir materiais e produtos reciclados, tanto de recicladoras como das cooperativas, possibilitam diminuir a dependência das cooperativas em relação aos sucateiros ou intermediários. Essa nova relação rompe com a lógica tradicional de funcionamento do mercado de reciclagem no país e contribui para o fortalecimento das cooperativas, além de estimular a inclusão de catadores autônomos.

ORGANIZAÇÕES DE CATADORES E A GESTÃO SUSTENTÁVEL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS

A construção da Política Nacional de Resíduos Sólidos no Brasil se dá no âmbito da política ambiental e no contexto da gestão dos serviços urbanos de limpeza pública. Tem como meta desenvolver um modelo de gestão integrada, compartilhada e sustentável dos resíduos sólidos que preconiza a parceria entre o poder público e a sociedade civil organizada, considerando os catadores organizados em cooperativas e associações como principais agentes da coleta seletiva. Esse modelo é defendido por vários setores organizados da sociedade civil envolvidos no tema, incluindo o Instituto Ethos e a Fundação Avina, os Fóruns Lixo e Cidadania, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) e técnicos das várias esferas do poder público.

As cooperativas e associações de catadores são empreendimentos solidários, constituídos por no mínimo 20 pessoas, que se unem a partir de uma atividade comum e têm como objetivo a geração de renda e de benefícios educativos, sociais e econômicos com seus membros. Seus integrantes têm origens diversas, tais como catadores avulsos, catadores de lixão, desempregados e donas-de-casa. São organizações autogestionárias, nas quais as atividades de gestão e produção são compartilhadas por todos os seus membros.

Seu gerenciamento se dá através de assembléias de cooperados ou associados e por uma diretoria ou conselho de administração. A organização em cooperativa de trabalho possibilita

melhores condições para atuar no mercado e comercializar diretamente com as indústrias. No aspecto legal, baseiam-se na Constituição Federal, na Lei nº 5.764/1971, com alterações incluídas na Lei nº 7.231/1984 e no Código Civil.

Em 2000, foi organizado o MNCR, hoje integrado por cerca de 40 mil catadores avulsos e de lixão. Desse total, 9.854 (24,6%) estão organizados em 300 associações e cooperativas e representam cerca de 10% dos mais de 300 mil catadores em atividade no país.

Por meio de constante diálogo com os diversos setores, incluindo o setor empresarial, o MNCR alcançou importantes conquistas no reconhecimento da atividade dos catadores. Em 2002, foi criada a categoria dos catadores de materiais recicláveis pelo Ministério do Trabalho e Emprego. De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações, os catadores de materiais recicláveis são aqueles que "catam, selecionam e vendem materiais recicláveis, e profissionais que se organizam de forma autônoma em cooperativas/associações, com diretoria e gestão dos próprios catadores". Em 2003, houve o reconhecimento da importância do trabalho desse segmento para a economia do país com a criação do Comitê Interministerial para a Inclusão Social e Econômica dos Catadores (Decreto Federal, em 11 de setembro de 2003). Em 2004, o MNCR criou o selo "Amigo do Catador" como meio de valorizar e estimular empresas e outras instituições que promovem e garantem a inclusão do catador na coleta seletiva e de estimular a doação do material reciclável para organizações de catadores.

Em 2006, um estudo do MNCR apresentado ao governo federal indicava que o custo de investimento para criação de um posto de trabalho nas cooperativas é baixo, cerca de R\$ 4 mil per capita, quando comparado ao das microempresas (R\$ 7 mil) ou da indústria da construção (R\$ 30 mil). Com base nesses resultados, o MNCR propôs um investimento de R\$ 170 milhões na criação e no fortalecimento de cooperativas de catadores, para geração de 40 mil postos de trabalho e um aumento de renda per capita de R\$ 60/100 a R\$ 300/450, beneficiando um universo de 175 mil pessoas em situação de exclusão.

No presente momento, vários projetos voltados para a expansão e o fortalecimento das organizações de catadores estão sendo desenvolvidos com o apoio governamental e de empresas. Os objetivos são erradicar o trabalho nos lixões e incluir os catadores avulsos nos programas de coleta seletiva, capacitar lideranças, gerar postos de trabalho e formar redes de organizações de catadores para a comercialização conjunta. Os projetos contemplam também investimentos em melhoria da infra-estrutura nas centrais de triagem, aquisição de veículos para a coleta seletiva e, em alguns municípios, instalação de unidades industriais de reciclagem.

Nesse sentido, um exemplo interessante da ampliação das atividades das cooperativas de catadores encontra-se na cadeia de reciclagem do plástico. Já existem projetos-pilotos em andamento, como é o caso da Associação de Catadores de Papel, Papelão e Materiais Recicláveis (Asmare), em Belo Horizonte, que opera uma indústria de reciclagem de plástico (pallets) e vende seu produto diretamente às empresas fornecedoras de matérias-primas ou fabricantes de produtos plásticos. A Asmare também desenvolveu uma marca com design próprio de roupas e acessórios confeccionados a partir do reaproveitamento de materiais recicláveis.

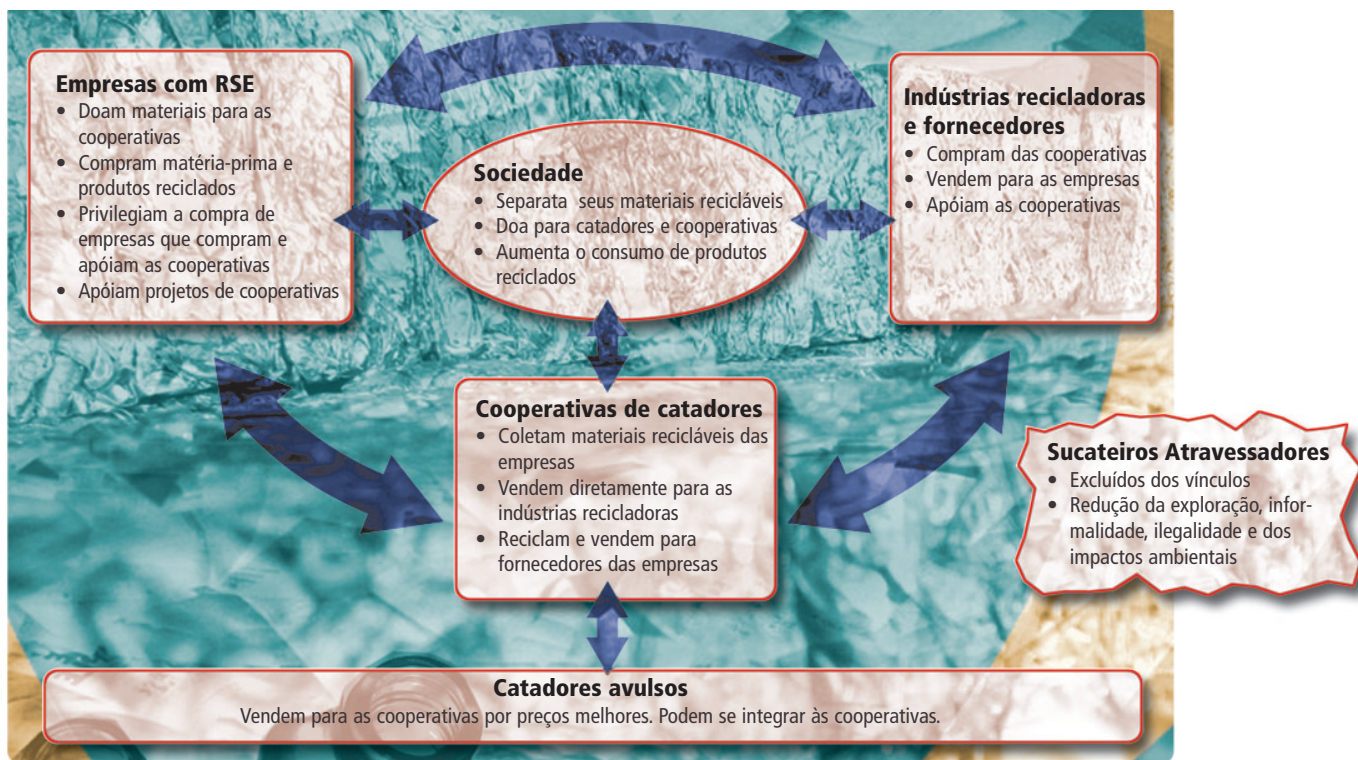
Esses projetos e iniciativas, que visam ampliar a inserção das cooperativas e associações de catadores na cadeia produtiva da reciclagem, possibilitam a construção de novas relações entre empresas socialmente responsáveis e essas organizações.

UM NOVO PARADIGMA PARA A CADEIA PRODUTIVA DA RECICLAGEM

Os Programas Vínculos de Negócios Sustentáveis em Resíduos Sólidos e Vínculos Sólidos fazem parte do esforço da construção de um novo modelo de relação entre empresas e cooperativas que possibilita a ampliação dos benefícios sociais e ambientais da cadeia produtiva da reciclagem.

Baseada em negócios sustentáveis, a cadeia produtiva da reciclagem rompe com o paradigma da cadeia de valor da reciclagem tradicional e propõe uma nova lógica de relações entre seus integrantes, fundamentadas nos princípios do desenvolvimento sustentável e nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio de redução da pobreza e uso sustentável dos recursos naturais. O modelo proposto pelo programa tem como principal característica ampliar as formas de interação e de relação entre empresas socialmente responsáveis e as cooperativas de catadores. Além disso, estimula a integração dos fornecedores e das empresas recicladoras, promovendo benefícios para todos os elos da cadeia.

Figura 3 — Estrutura da cadeia produtiva da reciclagem baseada nos vínculos de negócios sustentáveis



A partir da doação dos materiais recicláveis às cooperativas vinculadas ao MNCR, as empresas iniciam um círculo virtuoso. O aumento do volume de materiais recicláveis processados pelas cooperativas amplia o rendimento de seus integrantes e possibilita a integração de catadores avulsos, uma vez que têm o compromisso de promover benefícios para toda a categoria.

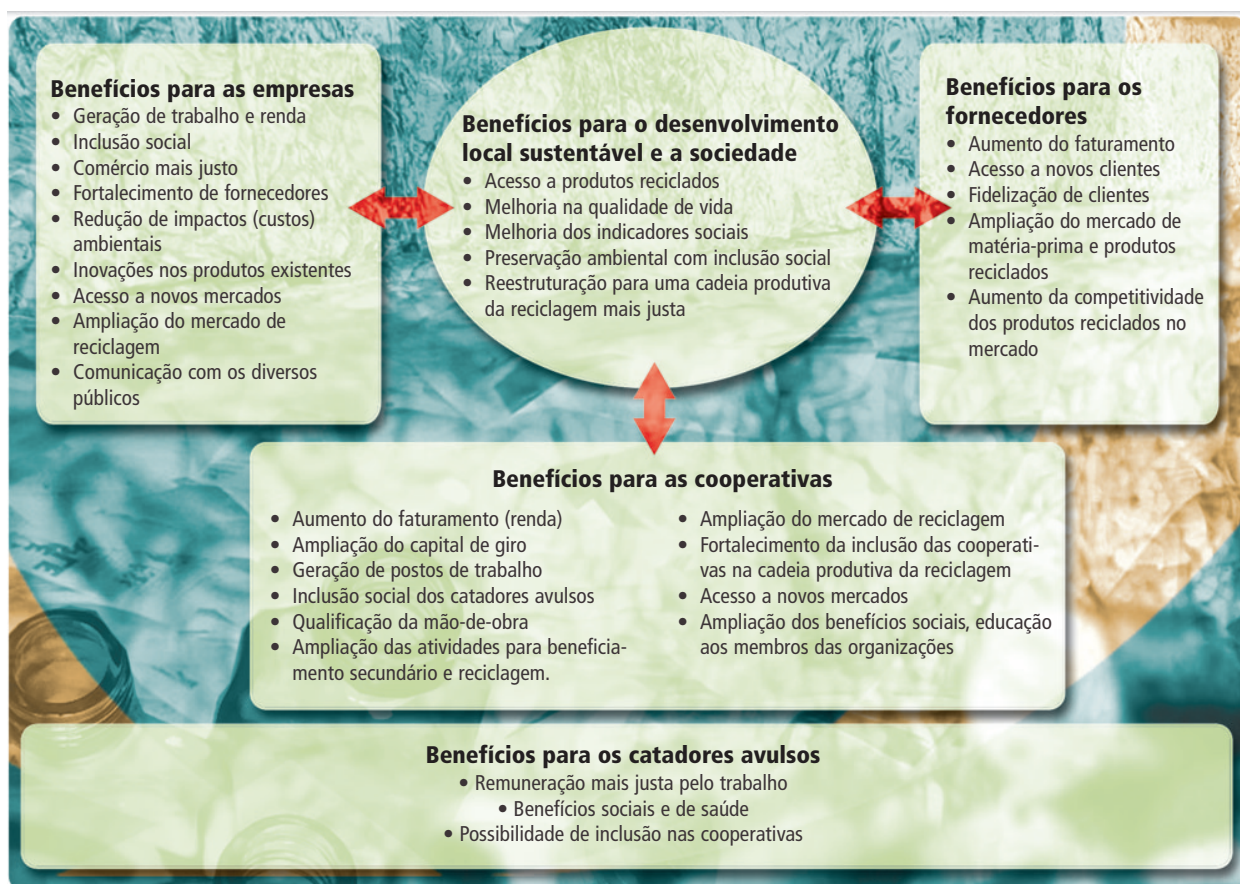
Nessa nova lógica, as empresas passam a privilegiar como fornecedores as indústrias recicladoras e as empresas fornecedoras que apoiam as cooperativas por meio de aquisição de materiais recicláveis a preços melhores que os de mercado, pelo investimento em infra-estrutura e pelo desenvolvimento de parcerias em programas de capacitação.

Esses benefícios se ampliam à medida que as cooperativas passam a vender diretamente para as indústrias de reciclagem a partir da formação de redes de comercialização conjuntas. A venda direta para a indústria apresenta os melhores resultados para as organizações de catadores e depende de grandes volumes e de um beneficiamento adequado dos materiais que lhes agregue qualidade e valor.

O fortalecimento das cooperativas cria condições para que se ofereçam aos catadores avulsos melhores preços na venda do material coletado, bem como benefícios que estimulem sua organização, rompendo sua dependência dos pequenos sucateiros. Contempla ainda uma qualificação das cooperativas, de modo a ampliar sua participação na cadeia de reciclagem, incorporando atividades de beneficiamento secundário e reciclagem. Dessa forma, além de fornecedoras de serviços de coleta dos materiais recicláveis, as cooperativas podem comercializar produtos reciclados, tanto para as empresas doadoras quanto para o mercado, e gerar uma distribuição mais equitativa dos ganhos resultantes do processo de agregação de valor na cadeia produtiva.

Para a consolidação dessa nova cadeia, é fundamental que as empresas promovam cada vez mais o uso de matéria-prima reciclada em seus processos produtivos e adquiram produtos reciclados. Assim, o ciclo virtuoso dos vínculos de negócios sustentáveis se fecha, uma vez que a ampliação do mercado de reciclagem se dá a partir da inclusão social, da valorização de fornecedores locais, da maximização dos benefícios ambientais e da configuração de uma cadeia produtiva mais justa.

Figura 4 – Benefícios dos negócios sustentáveis em resíduos sólidos



As empresas podem contribuir de várias formas para a construção de vínculos sustentáveis em resíduos sólidos. Diferentes níveis de interação com as cooperativas podem ser estabelecidos, de acordo com as práticas de RSE de cada empresa.

Relações de vínculos em resíduos sólidos entre empresas e cooperativas

Há algumas modalidades de vínculos que podem ser estabelecidas entre empresas e cooperativas de catadores:

a) Vínculos Sólidos Produtores

Nesse tipo de vínculo, as cooperativas prestam serviço de coleta dos recicláveis em troca desses materiais, e alguns casos mostram avanços importantes de RSE.

Remuneração elou troca pelos serviços

A empresa **Belgo Mineira** instalou em sua planta, em Belo Horizonte, uma área para triagem, prensagem e enfardamento de seus recicláveis. Nesse espaço trabalham quatro cooperados vinculados à Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável (Asmare), de Belo Horizonte, que é responsável pela retirada e comercialização dos recicláveis. Além da cessão do espaço e da doação dos recicláveis, a empresa oferece treinamento em segurança do trabalho para os cooperados de acordo com seu programa de responsabilidade social. O elemento central dessa iniciativa é o fato de que a Asmare é remunerada pelos serviços de coleta por meio de acordo comercial. Os bons resultados dessa iniciativa têm levado outras organizações empresariais a adotar modelos de responsabilidade social semelhantes. As empresas Toshiba e Shopping Cidade, em Belo Horizonte, também têm parceria com a Asmare para a triagem e coleta do material reciclável. Um cooperado trabalha nas dependências de cada empresa, triando os recicláveis doados à cooperativa.

Doação de materiais a partir da logística reversa das embalagens produzidas

A **Natura** está realizando um projeto-piloto no Recife de coleta seletiva de embalagens pós-consumo de seus produtos. O objetivo da empresa é contribuir para a diminuição do impacto ambiental gerado por essas embalagens e fortalecer as cooperativas de catadores locais, por meio da geração de trabalho, renda e inclusão social. A ação conta com a parceria da Cooperativa de Catadores Profissionais do Recife (Pró-Recife), da ONG Pangea – Centro de Estudos Sócio-Ambientais e do Rapidão Cometa. A iniciativa, baseada no conceito da logística reversa, começa com os consultores, que são incentivados a recolher de seus clientes as embalagens já utilizadas dos produtos quando estes realizam novas compras. Os consultores armazenam o material coletado e entregam à transportadora no recebimento das caixas de novos produtos. Os itens são então levados pela transportadora para a cooperativa de catadores Pró-Recife, que reúne 24 pessoas. Os materiais, após a separação, são vendidos para a indústria recicladora. Todos os envolvidos, consumidores, consultores e funcionários da empresa de transporte, trabalham de maneira voluntária. Desde janeiro de 2007, mais de 11 toneladas de embalagens já foram recolhidas por esse processo. A Pró-Recife tem ainda o patrocínio do Instituto Wal-Mart e da Petrobras, além de parcerias com a Fundação Avina, a ONG Interage e a Frompet.

Prestação de serviço de coleta em grandes eventos

A **Franca Feiras** foi a primeira empresa a participar diretamente com o Instituto Ethos no projeto Vínculos de Negócios Sustentáveis em Resíduos Sólidos. Em 2006, durante a Feira Internacional de Calçados, Acessórios de Moda, Máquinas e Componentes, a Franca Feiras estabeleceu uma parceria com a Rede Cata Sampa de catadores. Tratava-se de um projeto-piloto, chamado de “Operação Cata Sampa”. Durante a feira, que contou com a participação de cerca de 60 mil profissionais do setor, 75 catadores realizaram a coleta, triagem e beneficiamento primário no próprio evento, em um espaço destinado a essa atividade. Como resultado, foram coletadas 40 toneladas de materiais durante todo o evento, o que beneficiou diretamente 200 catadores e indiretamente 500 pessoas. Além disso, a realização dessa atividade durante a feira contribuiu para a divulgação da Rede e a ampliação da iniciativa para outros eventos organizados pela Franca Feiras. Em 2007, a Rede Cata Sampa garantiu sua presença em feiras como Abrin, Biobrasil, Franca, Escolar e Expomusic. A parceria tem proporcionado redução de custos da gestão dos resíduos para a Franca, aumento do volume coletado de recicláveis por parte do Cata Sampa, bem como o recebimento pela prestação do serviço de coleta. A iniciativa busca ainda promover a educação ambiental, estimulando cada vez mais o envolvimento dos expositores em práticas de responsabilidade social empresarial.

b) Vínculos Sólidos Produtores com empresa apoiadora da cooperativa

Esse relacionamento se caracteriza pela prestação dos serviços de coleta dos recicláveis por parte da cooperativa e pelo apoio da empresa à cooperativa, na melhoria de sua infra-estrutura ou de seus processos de gestão.

Prestação de serviço de coleta e apoio de empresa de grande porte

A **Petrobras**, no âmbito do Programa Fome Zero do governo federal, financia a fundo perdido projetos de formação de redes, capacitação e melhoria de infra-estrutura das organizações de catadores. Com a parceria, as cooperativas adquiriram caminhões, prensas, balanças, equipamentos de segurança e outros materiais necessários à atividade. Os cooperados dos projetos que integram a Rede Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, antes de começar a trabalhar, recebem aulas sobre gestão de negócio, cidadania, preservação do meio ambiente, coleta seletiva e cooperativismo. O objetivo dessas atividades é capacitar as cooperativas para que tenham condições de se manter mesmo sem o patrocínio. A formação de uma rede, segundo a Petrobras, tem sido fundamental para potencializar os ganhos obtidos pelos catadores. Ao atuar de forma conjunta, as cooperativas conseguem maior poder de negociação frente às empresas de reciclagem, por terem maior volume de material a oferecer. Em 2004, no início do projeto, a renda média dos catadores das cooperativas patrocinadas pela Petrobras era de R\$ 60,00 mensais e o volume médio coletado por elas somava 320 toneladas por mês. Hoje, a renda cresceu para R\$ 350,00 e o volume recolhido chega a 1.400 toneladas. Todas as unidades de negócios da companhia no Brasil estão interligadas à rede e fornecem materiais recicláveis às cooperativas.

Prestação de serviço de coleta e apoio de empresa de pequeno porte, ou em pequenas localidades

A **Companhia Industrial Fluminense** doa periodicamente seus materiais recicláveis à Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de São João del Rei (Ascas), em Minas Gerais, e também forneceu uniformes e equipamentos de segurança. A Ascas foi fundada em 2003 como resultado de um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) com o objetivo de promover a inclusão social do catador de material reciclável de São João del-Rei. Além do apoio da Companhia Industrial Fluminense, a Fundação Banco do Brasil financiou duas prensas, uma balança digital e dois trituradores de papel para a cooperativa e condomínios e hospitais passaram a destinar seus materiais recicláveis à Ascas.

O aumento dos recicláveis processados pela Ascas, devido às novas parcerias, tem sido fundamental para a consolidação do trabalho da cooperativa no município. Uma pesquisa feita por alunos da UFSJ constatou que o faturamento semanal de 14 cooperados chegou a R\$ 1.166,80. Se cada um dos catadores tivesse comercializado individualmente com os atravessadores, segundo simulação dos alunos, teria recebido cerca de R\$ 537,75. Ou seja, sem o apoio da associação, haveria perda de 54%, aproximadamente R\$ 630,00. Nesse caso, de cada R\$100,00 ganhos pelo associado, R\$ 54,00 ficariam com o atravessador, restando-lhe apenas R\$ 46,00. Essa iniciativa, selecionada entre as dez melhores na décima edição do Prêmio Banco Real Universidade Solidária, mostra a importância de empresas estabelecerem parcerias com outras organizações para potencializar os benefícios de suas estratégias de responsabilidade social entre cooperativas de catadores.

c) Vínculos Sólidos Consumidores com empresa apoiadora da cooperativa –
Vínculo com empresa compradora de materiais recicláveis

Nessa modalidade de vínculo, a empresa compradora de materiais recicláveis os adquire da cooperativa e a apóia. Esse apoio pode ser doação de equipamentos de segurança do trabalho, prensas ou veículos, além de produção de material de divulgação, capacitação, entre outros.

A **Companhia Industrial de Vidros** (CIV), controlada pelo Grupo ICAL/Cornélio Brennand, ocupa uma posição de destaque no setor de embalagens de vidro no país. A empresa, em parceria com a Fundação Avina, está beneficiando a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável (Asnov), localizada em Garanhuns (PE). O projeto tem como objetivo contribuir para o crescimento e consolidação do trabalho das cooperativas ou associações de catadores de materiais recicláveis no Nordeste. A Asnov recebeu cerca de R\$ 25 mil para investimentos em infra-estrutura, aprimorando o serviço de coleta seletiva de materiais recicláveis e sua entrega. Em contrapartida, a CIV tem arrecadado aproximadamente 10 toneladas de cacos de vidro, por mês. A melhoria da infra-estrutura aumenta a produtividade da cooperativa, facilitando o processo de estocagem e possibilitando a venda direta para a empresa, o que garante maior qualidade e preço. Para a CIV, cria novos vínculos entre a empresa e os catadores, contribuindo para a ampliação da renda e maior sustentabilidade da cooperativa e assegurando a continuidade e qualidade dos materiais recicláveis, além de expandir suas ações de RSE. A CIV já conta com parcerias com mais de 16 associações e cooperativas de catadores, localizadas em Pernambuco e no Recife, para a compra de material reciclável. As cooperativas recebem caçambas e bags para o armazenamento do material que é comprado e retirado pela empresa.

A **Frompet**, empresa de Recife, vem se destacando na região pela compra direta de embalagens PET e pelo apoio a associações ou cooperativas de catadores por meio da cessão de balanças e prensas, capacitação de organizações já existentes na triagem e preparação do material e formação de novas organizações. A primeira ação foi o Projeto Reciclopét, idealizado pela organização não-governamental Cedecom. O Reciclopét permitiu a implantação do primeiro Centro de Coleta Seletiva do Nordeste de Garrafas PET, garantindo renda extra a famílias carentes, que assumiram o papel de agentes ambientais. Todo o projeto foi desenvolvido com grupos do Programa Geração de Renda para as Famílias e do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), da Secretaria de Cidadania e Políticas Sociais do governo de Pernambuco.

d) Vínculos Sólidos Produtores e Consumidores com empresas distintas

Esse vínculo configura uma iniciativa em circuito fechado, envolvendo empresa contratante de serviços de coleta (e doadora de materiais recicláveis), cooperativa e empresa compradora (consumidora de recicláveis).

A **Suzano Papel e Celulose** produz o Reciclato, um papel offset 100% reciclado. Para colocá-lo no mercado precisou superar o preconceito dos clientes com relação à baixa qualidade do produto reciclado. O Reciclato é produzido a partir do refugo de papel (co-produto) gerado pela própria empresa (75%) e da compra de material das organizações de catadores (25%). A Suzano Papel e Celulose e o Banco Real ABN Amro estabeleceram vínculos de negócios sustentáveis, a partir de um acordo entre as empresas e as cooperativas de catadores. O banco doa os materiais recicláveis às cooperativas, que vendem o papel para a Suzano, que, por sua vez, fornece o Reciclato ao Banco Real ABN Amro. Atualmente a Suzano adquire papel de 74 cooperativas, que reúnem 3.700 cooperados. A empresa paga acima da média do mercado pela tonelada de aparas (50% a mais), ampliou o número de parceiros e possibilitou a geração de maior renda para os catadores (até R\$ 600/mês). O Banco Real ABN Amro vem realizando a gestão dos resíduos com RSE, as cooperativas estão gerando maior renda para seus integrantes e a Cia. Suzano de Papel e Celulose está ampliando sua participação no mercado.

e) Vínculo Consumidor de produtos reciclados

Nesse relacionamento, a empresa, ao adquirir produtos que foram fabricados com materiais reciclados, amplia e fortalece o mercado da reciclagem e beneficia as cooperativas.

A **Rede Wal-Mart** consome anualmente 1,2 bilhão de sacolas plásticas. Há algum tempo elas começaram a ser substituídas por sacolas de plástico reprocessadas, que utilizam aparas de sacolas convencionais em sua produção e economizam 30% de resina virgem (nafta – derivada do petróleo). A reutilização de materiais na produção de sacolas plásticas acarreta uma diminuição do impacto causado ao meio ambiente. Para exemplificar,

em uma simulação com consumo de 100 milhões de sacolas por mês, seriam usadas 266 toneladas de resina virgem com as sacolas normais, contra 114 toneladas no caso das reprocessadas — uma economia de 49,5%. Atualmente, todas as 285 lojas do Wal-Mart Brasil utilizam sacolas reprocessadas. Até fevereiro de 2007, a rede consumiu 750 milhões de sacolas e economizou 800 toneladas de resina virgem. Além de preservar recursos naturais, a boa prática é rentável: o Wal-Mart deixou de gastar R\$ 1,8 milhão com a utilização da sacola reprocessada, em apenas quatro meses. Essa iniciativa poderá reduzir em cerca de 45% o consumo de resinas virgens empregadas na fabricação do produto. Além disso, em função do volume de material substituído, essa ação poderá promover um impacto positivo na cadeia de reciclagem e beneficiar as organizações de catadores.

VÍNCULOS DE NEGÓCIOS SUSTENTÁVEIS: DESAFIOS PARA EMPRESAS E ORGANIZAÇÕES DE CATADORES

A viabilização dos negócios sustentáveis entre as empresas e as cooperativas pressupõe a ética na construção dos vínculos, com vistas à redução de práticas ilegais e de pirataria com materiais recicláveis. Além disso, há uma série de desafios que devem ser superados, tanto para as empresas quanto para as organizações de catadores, tais como:

Para as empresas:

- Aprofundar o conhecimento sobre a cadeia de reciclagem e seus impactos sociais e econômicos no desenvolvimento sustentável;
- Implantar programas eficientes de coleta seletiva;
- Redirecionar projetos de coleta seletiva já implantados que comercializam o material reciclável em benefício de funcionários ou projetos sociais;
- Financiar ações de voluntariado corporativo ou de investimento social privado em detrimento da geração de novos postos de trabalho em organizações de catadores;
- Conhecer melhor o trabalho desenvolvido pelas cooperativas;
- Adotar critérios para a seleção das cooperativas como fornecedoras e prestadoras de serviço compatíveis com a realidade dessas organizações e de acordo com os princípios da RSE;
- Viabilizar instrumentos de formalização de parcerias entre cooperativas e empresas;
- Ampliar a compra de matéria-prima e produtos reciclados;
- Participar ativamente da elaboração da Política Nacional de Resíduos Sólidos;
- Priorizar as cooperativas enquanto fornecedoras locais, visando a seu fortalecimento frente à forte tendência de internacionalização do mercado de recicláveis.

Para as cooperativas:

- Apreender a linguagem e a prática empresarial;
- Viabilizar acordos para a remuneração pelos serviços de coleta e reaproveitamento de resíduos prestados às empresas;
- Aprimorar os processos de organização, regularização e gestão;
- Obter regularização ambiental dos empreendimentos;
- Melhorar a logística, a distribuição e a escala de produção;
- Estimular a valorização do produto gerado com material reciclado;
- Viabilizar a adequação tecnológica nos processos de aproveitamento de materiais recicláveis e ampliar suas atividades para o beneficiamento secundário e reciclagem;
- Fortalecer as redes de comercialização para a venda direta para a indústria;
- Ampliar a divulgação do Selo Amigo do Catador;
- Participar ativamente da elaboração da Política Nacional de Resíduos Sólidos e fortalecer sua inserção na cadeia produtiva da reciclagem;
- Oferecer serviços compatíveis com os padrões das empresas com RSE.

Frente a esses desafios, é importante desenvolver critérios que possam, de um lado, auxiliar as empresas na seleção das cooperativas parceiras e, de outro, estabelecer parâmetros mínimos de organização para as cooperativas que sejam compatíveis com as exigências das empresas socialmente responsáveis na relação com seus fornecedores de serviços.

CRITÉRIOS NORTEADORES DA CRIAÇÃO DE VÍNCULOS ENTRE EMPRESAS E COOPERATIVAS

São propostos aqui alguns critérios básicos para avaliar o potencial das cooperativas em atuar como fornecedoras de serviços para as empresas e estabelecer vínculos de negócios sustentáveis de resíduos sólidos.

Os critérios são a base de um diagnóstico que possibilita também à empresa desenvolver projetos de responsabilidade social no sentido de apoiar a cooperativa para que cumpra os requisitos exigidos pelas organizações empresariais em relação a seus fornecedores.

Além disso, os critérios podem ajudar as cooperativas a compatibilizar seus processos de trabalho com critérios de responsabilidade social empresarial.

Quadro 1: Critérios básicos para avaliação do potencial das cooperativas em estabelecer Vínculos de Negócios Sustentáveis em Resíduos Sólidos com empresas.

Critérios	A	R	I
1. Estrutura da cooperativa: • Tempo de existência • Número de beneficiados • Rede de parceiros • Infra-estrutura para coleta, armazenamento e comercialização			
2. Processos organizacionais: • Existência de assembleias e conselhos • Processo autogestionário e transparente • Programas de capacitação • Cadastro no Movimento Nacional dos Catadores			
3. Aspectos legais: • Constituição legal • Registros, balanços e notas fiscais • Regularidade ante os órgãos competentes			
4. Ações de meio ambiente, saúde e segurança no trabalho: • Adequação legal da central de triagem • Adequação das condições ambientais e sanitárias de trabalho • Uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI)			
5. Ações sociais: • Promoção de inclusão de catadores avulsos • Benefícios aos membros • Incentivo à escolarização dos filhos dos cooperados • Ausência de trabalho infantil			
6. Dimensão Econômica: • Renda per capita • Fluxo de comercialização • Participação em redes de comercialização • Existência de outras fontes de renda			

A – adequada R – regular I – inadequada

Referências para a análise dos critérios

Este conjunto de critérios — 1) Estrutura da cooperativa; 2) Processos Organizacionais; 3) Aspectos Legais; 4) Ações de Meio Ambiente, Saúde e Segurança no Trabalho; 5) Ações sociais; e 6) Dimensão Econômica — pode oferecer um panorama das condições de funcionamento das cooperativas e seu objetivo é avaliar as condições que estas têm de prestar serviços de forma eficiente e contínua para as empresas. Não se trata de critérios fixos, pois cada empresa deve ter flexibilidade para criar os próprios critérios de ponderação.

Para cada item dos critérios acima descritos, cada empresa pode atribuir a própria valoração, de acordo com suas necessidades e normas corporativas. A empresa pode atribuir valor 1 para os itens nos quais as cooperativas estão adequadas, valor 0 para aqueles em que estão inadequadas

e valor 0,5 para os regulares. A soma final pode ser utilizada de várias formas. Por exemplo, no caso de obtenção de condições adequadas na maioria dos critérios, o resultado pode sinalizar que a cooperativa analisada apresenta o potencial de se tornar de imediato uma parceira. Caso a avaliação aponte diversos critérios como inadequados, isso não significa, a priori, a exclusão da cooperativa, mas sim que características ou processos da organização de catadores analisada poderiam ser apoiados pela empresa de modo que ela possa atingir as condições exigidas para a prestação de serviços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maria de Fátima. **Do lixo à cidadania: estratégias para a ação**. Brasília: Unicef/Caixa Econômica Federal, 2001.
- AGENDA 21. [documento on-line]. Disponível em <http://www.mma.gov.br>
- BESEN, G.R. "Lixo". In: **Almanaque Brasil Socioambiental**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004, p. 319-330.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE LIMPEZA PÚBLICA E RESÍDUOS ESPECIAIS (Abrelpe) **Panorama dos resíduos sólidos no Brasil (Edição 2006)**. São Paulo: Abrelpe, 2007.
- CALDERONI, S. **Os bilhões perdidos no lixo**. São Paulo: Humanitas, 1998. 2ª ed.
- CAMARGO, A. "Governança para o Século XXI". In: Trigueiro A. (Org.). **Meio ambiente no século XXI: 21 especialistas falam da questão ambiental em suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 307-321.
- Cetesb-Pnuma. **A produção mais limpa e o consumo sustentável na América Latina e Caribe**. Programa das Nações Unidas para o meio Ambiente e o Desenvolvimento, 2005, p.7.
- CHERMONT, L.S. e SERÔA DA MOTTA, R. "Aspectos econômicos da gestão integrada dos resíduos sólidos". Rio de Janeiro: Ipea, 1996 (Texto para Discussão, 416).
- COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA A RECICLAGEM-CEMPRE. **Mercado de sucatas: o sucateiro e a coleta seletiva**. Série: Reciclagem & Negócios. São Paulo: Cempre, 1996.
- CONCEIÇÃO, M.M. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade**. Campinas: Editora Átomo, 2003.
- DEMAJOROVIC, J., BESEN, G.R. e RATHSAM, A.A. "Os desafios da Gestão Compartilhada de resíduos sólidos face à lógica de mercado". In: **Diálogos em ambiente e sociedade**. São Paulo: Annablume, 2006, vol. 1, p.389-411.
- FUNDAÇÃO AVINA. Documentos Avina. Reciclagem Sustentável e Solidária. Strategy Paper. Sal da Terra Consultoria em Desenvolvimento Social. Consultora: Lucia Peixoto Calil. 2007.
- GONÇALVES, Pólita. **A reciclagem integradora dos aspectos ambientais, sociais e econômicos**. Rio de Janeiro: DP&A / FASE, 2003.
- GRIMBERG, E. "A política nacional de resíduos sólidos: a responsabilidade das empresas e a inclusão social", 2004. Disponível em <http://www.polis.org.br>
- GRIMBERG, E. "Governança democrática e um novo paradigma de gestão de resíduos sólidos", 2005. Disponível em <http://www.polis.org.br>
- GÜNTHER, W.M.R; W.M., RIBEIRO; H., JACOBI; P.; BESEN, G.R., DEMAJOROVIC J.; e VIVEIROS, M. "Sustentabilidade de programas municipais de coleta seletiva em parceria com organizações de catadores". In: XXX Congresso AIDS. Punta del Este, 2006. Resgatando Antigos Principios para los Nuevos Desafios del Milenio, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Indicadores de desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNSB 2000)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.
- INSTITUTO ETHOS. **Compromisso da Empresas com o Meio Ambiente**. São Paulo: Instituto Ethos, 2005.
- INSTITUTO ETHOS. **Critérios Essenciais de Responsabilidade Social Empresarial e seus Mecanismos de Indução no Brasil**. Instituto Ethos, Embaixada Britânica no Brasil - Global Opportunities Fund, do Foreign & Commonwealth Office. São Paulo: Instituto Ethos, 2006.
- INSTITUTO ETHOS. **Ferramentas de Gestão: Empresas e Responsabilidade Social**. Indicadores Ethos de Responsabilidade Social Empresarial 2006. São Paulo: Instituto Ethos, 2006.
- INSTITUTO ETHOS. **Vínculos de Negócios Sustentáveis no Brasil**. [Redação Claudio Bruzzi Boechat, Maria Cecília Bruzzi Boechat e Paulo Darien Guedes Possas]. São Paulo: Instituto Ethos, 2005.
- JACOBI, P. **Gestão compartilhada de resíduos sólidos no Brasil: inovação com inclusão social**. São Paulo: Annablume, 2006.
- LAJOLO R.D. (Org.) **Cooperativa de catadores de materiais: guia para implantação**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas/Sebrae, 2003.
- LEITE, P.R. **Logística reversa: meio ambiente e competitividade**. São Paulo: Prentice Hall, 2003, 1. ed.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Atlas da economia solidária no Brasil 2005**. Brasília: TEM/Senaes, 2006.
- PASTORE, J. "Cartilha sobre cooperativas de trabalho", 2001. Disponível em http://www.cni.org.br/rpodutos/rel_trab/src/cartilhacooptrab.pdf
- ROCHA, R.L.F. "Os catadores e a indústria de reciclagem: construindo vínculos sustentáveis". IV Conferência Interamericana sobre Responsabilidade Social da Empresa: um bom negócio para todos, 11/12/2006.

ROMANI, A.P. **O poder público municipal e as organizações de catadores**. Rio de Janeiro: Ibam/Duma/Caixa, 2004.

SEBRAE e CEMPRE. "Mapa da Reciclagem no Brasil", 2006. Estudo desenvolvido pelo SETOR RECICLAGEM. Disponível em www.cem-pre.org.br/mapareciclagem.

SERÔA DA MOTTA, R. e SAYAGO, E.D. "Propostas de instrumentos econômicos ambientais para a redução do lixo urbano e o reaproveitamento de sucatas no Brasil". Rio de Janeiro: IPEA, 1998. (Texto para Discussão, 608).

SINGER, P. "A recente ressurreição da economia solidária no Brasil". In: SANTOS, B. de S. (org). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2002. p. 81-126.

SINGER, P. e SOUZA, A.R. (Orgs.). **A economia solidária no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

VEIGA, J. **Desenvolvimento Sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

SITES DE INTERESSE

Associações técnicas ligadas à reciclagem

Associação Brasileira da Indústria do PET (Abipet) — www.abipet.org.br
 Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa) — www.bracelpa.org.br
 Associação Brasileira de Embalagens (Abre) — www.abre.org.br
 Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe) — www.abrelpe.org.br
 Associação Brasileira de Engenharia Sanitária (Abes) — www.abes.org.br
 Associação Brasileira do Alumínio (Abal) — www.abal.org.br
 Associação Brasileira dos Fabricantes de Latas de Alta Reciclabilidade (Abralatas) — www.abralatas.com.br
 Associação Técnica Brasileira das Indústrias Automáticas de Vidro (Abividro) — www.abividro.org.br

Organizações Não-Governamentais

Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável — Rede Brasileira de Ecoeficiência — www.cebds.org.br
 Compromisso Empresarial para a Reciclagem (Cempre) — www.cempre.org.br
 Consumers International — www.consumersinternational.org
 Fórum Brasileiro de Economia Solidária — www.fbes.org.br
 Fórum Nacional Lixo & Cidadania — www.lixoecidadania.org.br
 Fundação Avina — www.avina.net
 Greenpeace — www.greenpeace.org.br
 Instituto Akatu — www.akatu.org.br
 Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) — www.institutogea.org.br
 Instituto Polis — www.polis.org.br
 Movimento Nacional dos Catadores — www.movimentodoscataadores.org.br
 Recicláveis — www.reciclaveis.com.br
 Recicloteca — Centro de Informações sobre Reciclagem e Meio Ambiente — www.recicloteca.org.br
 Rede de Tecnologia Social — www.rts.org.br

Setor Privado

Global Waste Management Market Assessment 2007 — www.marketresearch.com
 Mercado Ético — www.mercadoetico.terra.com.br
 Petrobras — www.petrobras.com.br

Organizações Governamentais

Milennium Ecosystem Assessment — www.maweb.org
 Ministério da Ciência e Tecnologia — www.mct.gov.br
 Ministério de Desenvolvimento Social — www.mds.org.br
 Ministério do Meio Ambiente — mma.gov.br
 Ministério do Trabalho e Emprego — www.mte.gov.br

GLOSSÁRIO

Beneficiamento primário

Início do processo de reciclagem, fase de classificação do material e, depois, enfardamento (prensar em fardos).

Fonte: Gonçalves, Pólita. A Reciclagem Integradora dos Aspectos Ambientais, Sociais e Econômicos. Rio de Janeiro: DP&A / Fase, 2003. p. 33.

Co-produto

Produto gerado compulsoriamente a partir da produção do produto principal. É possível defini-lo também como material de processos industriais que apresenta aplicação técnica e economicamente viável por meio de reciclagem, sendo essa definição a grande diferença de co-produto e resíduo.

*Fonte: Arcelor Brasil. <http://www.arcelormittal.com/br/>
Consultado em 1º.5.2007.*

Ecodesign

Significa a inclusão da avaliação dos aspectos ambientais em todas as fases de desenvolvimento de novos produtos, processos ou serviços, de forma a prevenir e reduzir impactos negativos ao meio ambiente e satisfazer as necessidades dos consumidores por meio da oferta de produtos e serviços ambientalmente corretos.

Fonte: Vilela Junior, Alcir e Demajorovic, Jacques. Modelos e Ferramentas de Gestão Ambiental: Perspectivas e Desafios para as Organizações. São Paulo: Editora Senac, 2006.

Ecoeficiência

De acordo com o World Business Council for Sustainable Development, a ecoeficiência é obtida pela "entrega de bens e serviços com preços competitivos que satisfazem às necessidades humanas e trazem qualidade de vida, progressivamente reduzindo impactos ambientais dos bens e serviços, através de todo o ciclo de vida, para um nível, no mínimo, em linha com a capacidade estimada da Terra em suportar".

*Fonte: http://www.ambiental-e.com.br/eficoeficiencia_bases_teorica.php
Consultado em 8.5.2007.*

Empreendimentos solidários

Integram a Economia Solidária, que é compreendida como o conjunto de atividades econômicas — de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito — organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras sob a forma coletiva e autogestionária. Nesse conjunto de atividades e formas de organização destacam-se quatro importantes características: cooperação, autogestão, viabilidade econômica e solidariedade. Essas características, embora sejam complementares e nunca funcionem isoladamente, podem ser observadas e compreendidas objetivamente como categorias analíticas diferentes, mas sempre presentes na Economia Solidária.

Fonte: Atlas de Economia Solidária no Brasil, 2005. Brasília: MTE, Senaes, 2006. p. 11.

Logística reversa

Área da logística empresarial que planeja, opera e controla o fluxo e as informações logísticas correspondentes, do retorno dos bens de pós-vendas e de pós-consumo ao ciclo produtivo, por meio dos canais de distribuição reversos, agregando-lhes valores de diversas naturezas: econômica, ecológica, legal, logística, de imagem corporativa, entre outras".

Fonte: Leite, Paulo Roberto. Logística Reversa: Meio Ambiente e Competitividade. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

Produção mais Limpa

O conceito de Produção mais Limpa (P+L) foi definido pelo Pnuma, no início da década de 1990, como sendo a aplicação contínua de uma estratégia ambiental preventiva integrada aos processos, produtos e serviços para aumentar a ecoeficiência e reduzir os riscos ao homem e ao meio ambiente. Aplica-se a: 1) processos produtivos: inclui conservação de recursos naturais e energia, eliminação de matérias-primas tóxicas e redução da quantidade e da toxicidade dos resíduos e emissões; 2) produtos: envolve a redução dos impactos negativos ao longo do ciclo de vida de um produto, desde a extração de matérias-primas até sua disposição final; e 3) serviços: estratégia para incorporação de considerações ambientais no planejamento e entrega dos serviços.

Fonte: Cetesb-Pnuma, 2005. Publicação: A Produção mais Limpa e o Consumo Sustentável na América Latina e Caribe.

Responsabilidade Social Empresarial

Responsabilidade social empresarial é a forma de gestão que se define pela relação ética e transparente da empresa com todos os públicos com os quais ela se relaciona e pelo estabelecimento de metas empresariais compatíveis com o desenvolvimento sustentável da sociedade, preservando recursos ambientais e culturais para as gerações futuras, respeitando a diversidade e promovendo a redução das desigualdades sociais.

Fonte: Instituto Ethos. www.ethos.org.br

Serviços ambientais

Para a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), são bens (ou serviços) ambientais aqueles que tenham por finalidade "medir, prevenir, limitar, minimizar ou corrigir danos ambientais à água, ao ar e ao solo, bem como os problemas relacionados ao desperdício, poluição sonora e danos aos ecossistemas".

Fonte: Togeiro e Ferreira, 2006. Revista Iberoamericana de Economía Ecológica. Vol. 5: 1-11: http://www.redibec.org/IVO/rev5_01.pdf